Bolsas — Na quarta-feira: 0,52% São Paulo; 0,02% Nova York

Pontuação B3 — Ibovespa nos últimos dias: 105.798 / 104.385 (24/2, 27/2, 28/2, 1º/3)

Dólar — Na quarta-feira: R$ 5,191 (- 0,65%)

Últimos	
23/fevereiro	5,135
24/fevereiro	5,199
27/fevereiro	5,207
28/fevereiro	5,225

Salário mínimo — R$ 1.302

Euro — Comercial, venda na quarta-feira: R$ 5,533

CDI — Ao ano: 13,65%

CDB — Prefixado 30 dias (ao ano): 13,65%

Inflação — IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41
Dezembro/2022	0,62
Janeiro/2023	0,53

COMBUSTIVEIS / Consumidor se depara com aumentos muito superiores ao anunciado pelo governo após o fim da isenção de tributos federais. Sindicato dos revendedores do DF responsabiliza distribuidoras pela alta, considerada abusiva

Preço da gasolina dispara nos postos

» RAPHAEL PATI*

Ed Alves/CB/DA.Press



Na 215 Norte, litro do produto era vendido ontem por R$ 5,95. Em um estabelecimento da Ceilândia, valor cobrado chegava a R$ 6,19

Consumidores que foram abastecer o carro ontem, um dia após o anúncio do aumento de tributos sobre os combustíveis se assustaram com os novos preços, que ficaram bem acima do projetado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Segundo o ministro, considerando a reoneração de R$ 0,47 e a redução dos preços da gasolina vendida pela Petrobras nas refinarias, o litro do produto teria uma alta por volta de R$ 0,34. No entanto, na maioria dos postos, a elevação foi bem maior. A média de aumento em todo o país foi de R$ 0,50 a R$ 0,70, segundo o presidente do Sindicato dos Postos de Combustíveis do Distrito Federal (Sindicombustíveis-DF), Paulo Tavares.

No Distrito Federal, o litro da gasolina chegou a R$ 6,19 em um posto da Ceilândia para quem optasse em pagar no cartão de crédito. Num revendedor de bandeira Petrobras, na 215 Norte, o preço anunciado era de R$ 5,95. Outro posto com a mesma bandeira, no Setor Hoteleiro Norte oferecia gasolina por R$ 5,89. Motoristas ouvidos pelo **Correio** foram praticamente unânimes ao reclamar do que considera-ram preços abusivos.

O motorista de aplicativo Emerson Pereira Alves, de 53 anos, afirmou que o aumento acima do esperado trará um grande impacto para quem trabalha com essa modalidade de transporte. "A gente perde muitos dos nossos lucros, que já não são tão altos assim, porque os próprios aplicativos tiram bastante. Esse aumento da gasolina vai trazer para nos um impacto de, no mínimo, uns mil e poucos reais, que vão deixar de entrar", calculou.

Alves disse que a única alternativa dos motoristas é procurar postos que vendem mais barato. "Eu vou a vários postos e pechincho para saber onde está mais em conta. A gente passa a abastecer naquele posto e já indica no grupo do Whatsapp", revelou.

Para a personal trainer Alessandra Oliveira, 52, o preço atual é um abuso. "A gente tem que abastecer os carros e acho que o governo tem que ter um olhar mais minucioso e atento em relação a isso, porque, realmente, (o preço) está muito abusivo", afirmou.

Denúncia

O representante dos postos no DF responsabiliza as distribuidoras de combustíveis pelos aumentos elevados. Paulo Tavares afirmou que vai entrar com uma denúncia no Ministério Público do DF (MPDFT) contra as distribuidoras, que ainda não se pronunciaram sobre o aumento acima do esperado. Segundo o líder do sindicato, o aumento chegou a ser superior ao triplo do que deveria, de fato, ser implementado.

Ao fazer um cálculo, levando em consideração a mistura obrigatória de 73% de gasolina A com 27% de etanol anidro, o Sindicombustíveis chegou ao valor de reajuste de R$ 0,34 para a gasolina vendida ao consumidor. No entanto, com a diminuição de R$ 0,13 do preço do combustível pela Petrobras, a alta deveria ser de R$ 0,25. Um valor bem abaixo do que foi praticado pelas distribuidoras. "Pegando o total de impostos, menos o que a Petrobras fez, é o que devia ter aumentado hoje nas distribuidoras. O aumento que nós deveríamos receber hoje (ontem), era de R$ 0,25. Porém, houve uma alta de mais de R$ 0,70 nas distribuidoras", disse Tavares.

O economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) César Bergo afirma que o consumidor precisa ficar atento à diferença de preço entre os postos de gasolina, o que vai exigir muita pesquisa. "Cabe ao consumidor também denunciar caso haja abuso por parte do posto de gasolina. Porque a Agência Nacional de Petróleo (ANP) e as entidades de direito e defesa ao consumidor estão de olho nesse aspecto", aconselhou o professor.

Além disso, antes de abastecer, o cliente também deve observar se é mais vantajoso completar o tanque com gasolina ou com etanol.

> **"Esse aumento da gasolina vai trazer para nos um impacto de, no mínimo, uns mil e poucos reais, que vão deixar de entrar"**
>
> ***Emerson Pereira Alves,*** *motorista de aplicativo*

Se o preço do álcool estiver inferior a 70% do valor da gasolina, vale a pena, tanto por motivos de economia, bem como pela contribuição para uma poluição menor do meio ambiente. A título de exemplo, um posto na 206 norte, vendia etanol a 66% o preço da gasolina na tarde de ontem.

O professor de economia do Ibmec-DF William Baghdassarian também revela outro aspecto que pode causar um aumento maior nos preços da gasolina nos postos, que é a demanda cativa. Se o posto possui um público fiel, a tendência é que os preços permaneçam altos, pois não há tendência de queda na demanda.

"Então, o grande conselho para as pessoas é tentarem, na medida do possível, e dentro do seu padrão de consumo, pesquisar onde está sendo vendida a gasolina pelo preço mais adequado. É lógico que a pessoa não vai andar 200 km para encher um tanque. Mas dentro de uma certa razoabilidade, de um raio de 10 a 15 quilômetros, talvez valha a pena você fazer isso", considerou o professor.

***Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo**

Defesa de tributo e cobrança ao BC

» FERNANDA STRICKLAND
» VICTOR CORREIA

Os principais ministros da área econômica do governo defenderam ontem o aumento da taxação dos combustíveis e reforçaram a cobrança ao Banco Central para a redução das taxas de juros. O titular da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que, se o país continuar tendo a maior taxa real de juros do mundo, "a economia não vai aguentar". Segundo o ministro, o Banco Central (BC) precisa "fazer a parte dele", porque ele, Haddad, já fez o que precisava ser feito, referindo-se às medidas para aumentar a arrecadação, como a reoneração dos combustíveis. A afirmação foi feita durante entrevista ao portal de notícias UOL, ontem.

Haddad afrmou que a decisão do governo de reonerar a gasolina e o etanol atende às condições para o início da redução da taxa básica de juros, a Selic, atualmente em 13,75% ao ano — a mais alta entre as principais economias em termos nominais. "Nós estamos rodando, dependendo de como você faz a conta, a 6,5% ou 8% de juros reais ao ano. Nenhum país do mundo pratica essa taxa hoje. E isso é a herança do governo Bolsonaro. A economia não vai aguentar", observou.

A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, que vinha mantendo uma posição discreta no embate entre o Planalto e o BC em torno dos juros, disse esperar que o Comitê de Política Monetária (Copom), do BC, baixe a Selic após a reoneração dos combustíveis anunciada na terça-feira. Na visão da ministra, a medida mostra que o governo "fez o dever de casa" e está empenhado na redução dos gastos públicos, apesar das "medidas expansionistas" prometidas pelo presidente Lula.

"Queremos mostrar para o Copom e para o Banco Central que podem diminuir os juros, ainda que paulatinamente, porque nós temos responsabilidade fiscal e estamos fazendo o dever de casa", disse Tebet a jornalistas na saída de um café da manhã com a primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja, e outras ministras do governo em celebração do início do mês das mulheres, no Palácio do Planalto.

Legado

Haddad argumentou que, ao pregar a redução dos juros, apenas lembra o que consta das atas do Copom, que condiciona a queda das taxas à melhora das contas públicas. "Nós temos que harmonizar a política fiscal e a monetária, porque não existe uma coisa e outra, existe política econômica", disse. "Esta medida tomada ontem pelo presidente Lula, com muita sabedoria, contribui para a política desejável sobre os juros. Mas se vai reduzir ou não, ou quando vai reduzir, é papel da autoridade monetária, no próximo Copom, dizer", apontou.

O ministro da Fazenda frisou que a Selic recorde é uma herança do governo Bolsonaro, que deixou ainda, como legado, um rombo potencial de mais de R$ 200 bilhões no orçamento federal. Segundo o ministro, na tentativa de reverter o favoritismo de Lula na campanha eleitoral do ano passado, o então presidente Jair Bolsonaro (PL) "torrou R$ 300 bilhões, entre desonerações federais, desonerações dos estados e aumento do gasto público anualizado".

"Eu, como ministro da Fazenda, tenho de tomar medidas compensatórias para equilibrar o jogo e permitir, e até contar, que o BC faça parte dele e comece a restabelecer o equilíbrio da política econômica com vistas a um crescimento sustentável", declarou Haddad.

O ministro afirmou também que uma eventual mudança das metas de inflação "não vai ser o que vai fazer o juro cair". Essa possibilidade entrou em discussão por conta de críticas feitas ao BC por Lula. O Banco Central tem autonomia operacional aprovada em lei, e o presidente da instituição, Roberto Campos Neto, indicado por Bolsonaro, tem mandado fixo até o fim de 2024.

Bolsonaro critica reoneração

Reprodução Rede Sociais



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) criticou o atual governo pela reoneração dos combustíveis. Sem citar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele disse que "outra pessoa" que assumiu a Presidência da República tomou mais uma medida de impacto negativo para a população. A crítica foi feita por meio de um vídeo postado nas redes sociais, que mostra Bolsonaro cortando o cabelo em um salão de Orlando, nos Estados Unidos, onde se encontra desde dezembro.